

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-CESSG  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

SABERES, MITOS E USO DE ANUROS POR COMUNIDADES INDÍGENAS DE SÃO  
GABRIEL DA CACHOEIRA – AM.

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA – AM

2019

SIMONE GARRIDO DE SEIXAS

SABERES, MITOS E USO DE ANUROS POR COMUNIDADES INDÍGENAS DE SÃO  
GABRIEL DA CACHOEIRA – AM.

Trabalho de conclusão de curso para obtenção  
do grau de Licenciado em Ciências Biológicas  
pela Universidade do Estado do Amazonas-  
Centro de Estudos Superiores de São Gabriel da  
Cachoeira.

Orientador: Prof. MSc: André de Lima Barros

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM

2019

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. MATERIAL E MÉTODOS.....	4
2.1 Local da pesquisa.....	4
2.2 Público alvo.....	4
2.3 Instrumentos de pesquisa.....	5
2.4. Aspectos legais da pesquisa.....	5
3. RESULTADO .....	5
4. DISCUSSÃO.....	5
5. CONCLUSÃO.....	11
6. REFERÊNCIAS .....	12

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente são conhecidas mais de 6.300 espécies de anfíbios (Frost, 2008), das quais 5.600 são anuros, números que tendem a aumentar devido às constantes descobertas de novas espécies. O Brasil é o País que possui a maior diversidade específica de anuros, com mais de 800 espécies descritas até o presente momento (SBH, 2008), onde 60% destas são endêmicas, isto é, exclusivas do Brasil (Feio et al., 1998; Lewinsohn e Biotemas, 22 (2): 191-194, junho de 2009 ISSN 0103 – 1643 Comunicação Breve Revista Biotemas, 22 (2), junho de 2009 192 S. R. Knispel e F. B. Barros Prado, 2004; SBH, 2008).

No Brasil, animais vêm sendo usados por sociedades indígenas e por descendentes dos europeus e africanos desde o período colonial. Tais usos vêm se perpetuando ao longo do tempo e, atualmente, animais silvestres continuam sendo utilizados para diversas finalidades, desde alimentação, atividades culturais, comércio de animais vivos, partes deles ou subprodutos usados como vestuário, ferramentas e para uso medicinal e mágico-religioso (eg. Medeiros, 2001; Pianca, 2004; Rocha et al., 2006; Trinca & Ferrari, 2006; Alves et al. 2007, Alves e Pereira-Filho, 2007).

Os estudos mais antigos sobre a fauna de anfíbios datam do século XIX, feitos por grandes naturalistas europeus que aqui estiveram, como os alemães Maximilian zu Wied-Neuwied e Johann Baptiste von Spix. Todavia, ainda há muito por estudar, seja descrevendo novas espécies, obtendo dados de história natural e ecologia ou descobrindo novos medicamentos (GUIMARÃES et al., 2001; GUIMARÃES & BASTOS, 2003).

A relação místico-religiosa entre seres humanos e outros animais vem sendo registrada, desde épocas remotas. Isto pode ser evidenciado nas pinturas rupestres, em que animais estão representados, revelando o caráter místico de cenas de caçada e em outras atividades humanas e, em um país como o Brasil, que é caracterizado por sua diversidade biológica e cultural, é essencial que políticas de conservação estejam em sintonia com os aspectos culturais, já que os estudos que tratam desse tema são escassos (Leo Neto, 2008).

Com a intenção de mensurar a importância do uso da biodiversidade relacionando-o a interação místico-religiosa que os seres humanos possuem com os animais, objetivou-se documentar as espécies mais usadas, analisar os aspectos de uso, e caracterizar o contexto sócio-cultural em que se dá o aproveitamento místico-religioso dos recursos faunísticos na região pesquisada, bem como avaliar suas implicações para conservação.

Devido a este desconhecimento, os anfíbios são ainda considerados animais “nojentos” pela maioria da população, que ainda os vê como seres maléficos, relacionados a bruxarias. Ledo engano, uma vez que lendas de muitas nações indígenas brasileiras tratam os sapos como animais de sorte ou de bons presságios. Mas quem são os anfíbios? Estes animais são vertebrados conhecidos popularmente como sapos, rãs e pererecas, os representantes das espécies da ordem Anura (atualmente são encontradas 797 espécies de anuros no nosso país). (SBH, 2008).

Devido a este desconhecimento, os anfíbios são ainda considerados animais “nojentos” pela maioria da população, que ainda os vê como seres maléficos, relacionados a bruxarias. Ledo engano, uma vez que lendas de muitas nações indígenas brasileiras tratam os sapos como animais de sorte ou de bons presságios (SBH, 2008).

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

### ***2.1 Local da pesquisa***

Esta pesquisa foi realizada entre novembro de 2018 a maio de 2019, o estudo foi conduzido nas dependências de três comunidades indígenas, são elas: Comunidade Tapajós, Comunidade Areal, ambas localizadas na estrada de Camanaus e, Comunidade Santo Antônio localizada no Km 15 estrada de Cucuí, município de São Gabriel da Cachoeira-Amazonas.

### ***2.2 Coleta de dados***

Inicialmente, buscou-se identificar os moradores locais que utilizam ou conhecem algumas práticas de uso de anfíbios anuros para fins alimentícios, medicamentais ou místico-religiosos, sendo adotados seis visitas aos locais de coleta, realizados nos períodos fevereiro a maio de 2019 no horário das 16:00 as 20:00, tempo ideal para encontrar os moradores em suas residências, pois os mesmos trabalham em suas rocas diariamente. Após os primeiros contatos, os dados acerca da utilização dos animais foram obtidos através da aplicação de formulários semi-estruturados integrados a entrevistas livres feitas de modo individual (Albuquerque & Lucena, 2004). O formulário semi-estruturado apresentou questões englobando aspectos como dados a respeito dos animais utilizados, foram entrevistadas 07 pessoas (06 homens e 01 uma mulher), com idades variando de 42 a 84 anos. Em relação à atividade ocupacional, a maioria deles trabalha na agricultura ou é aposentado. O grau de escolaridade dos entrevistados é baixo, tendo em vista a expressividade de indivíduos com ensino fundamental incompleto. A maioria dos entrevistados é natural de São Gabriel da Cachoeira- Am, tendo vivido durante toda a vida na região em questão.

### 2.3 Instrumentos de pesquisa

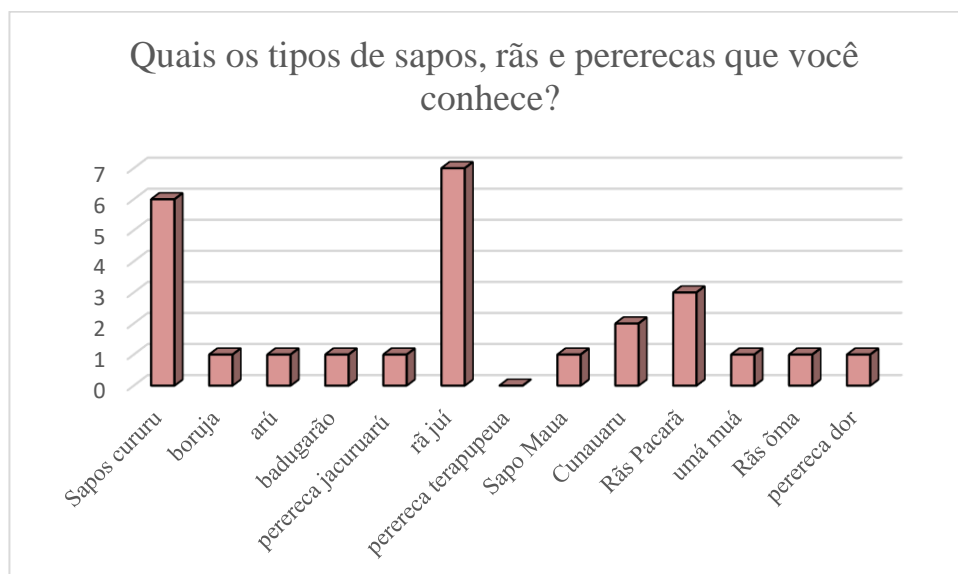
Para este estudo foram elaborados questionários semiestruturados, com treze perguntas abertas e fechadas sobre os anuros, de forma sucinta, a fim de sabermos quais as concepções dos indígenas sobre estes animais. Adicionalmente, todo o processo de entrevista foi registrado através de filmagens e depoimentos do entrevistado.

### 2.4 Aspectos legais da pesquisa

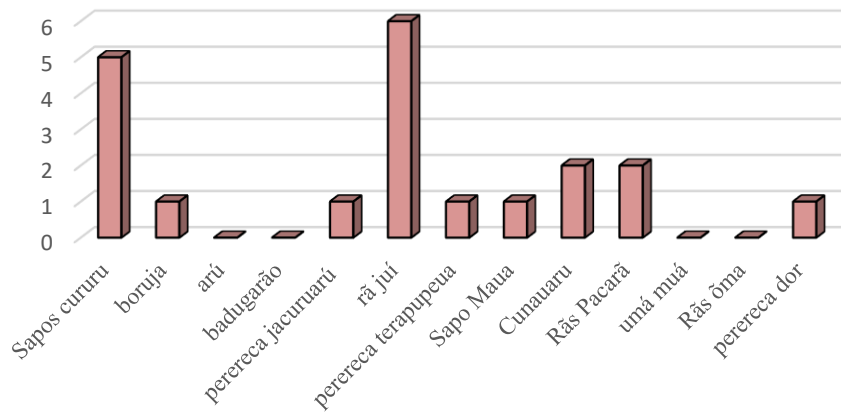
A FUNAI (Fundação Nacional do Índio), informou que a pesquisa de campo sobre os anuros pode ser concluída de forma legal, pois as terras pertencentes às comunidades indígenas não são terras demarcadas, a pesquisa de campo não necessita de uma declaração.

## 3. RESULTADO

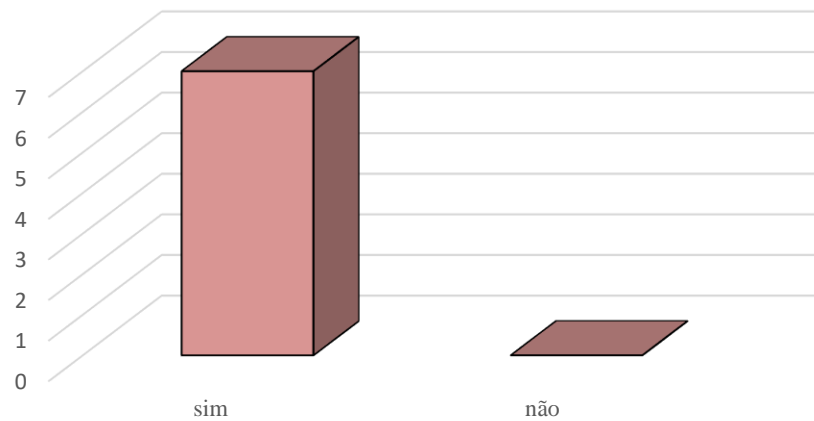
Os entrevistados acreditam que, o uso dos anuros em diferentes aspectos, é possível prever eventos futuros como a chuva, a chegada de visitantes, a cura de algumas doenças, possíveis medicações, como usa-los na alimentação, uma possível gravidez, a morte de alguém, isto, quando os anuros forem usados maleficamente.



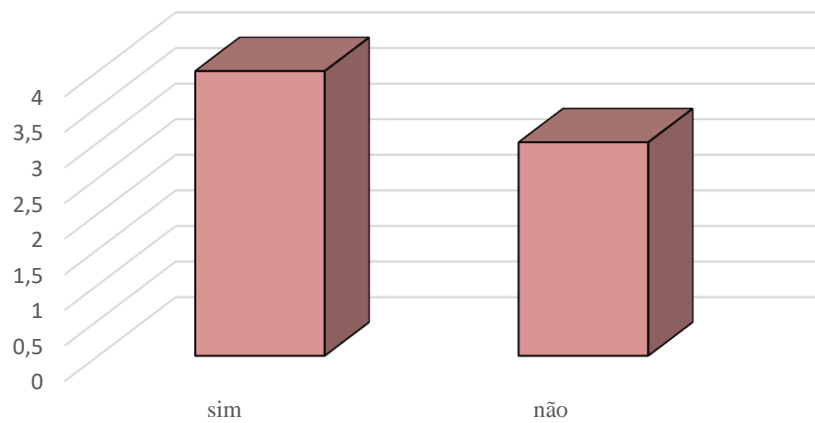
### Quais são os sapos, rãs e pererecas existentes na sua comunidade?



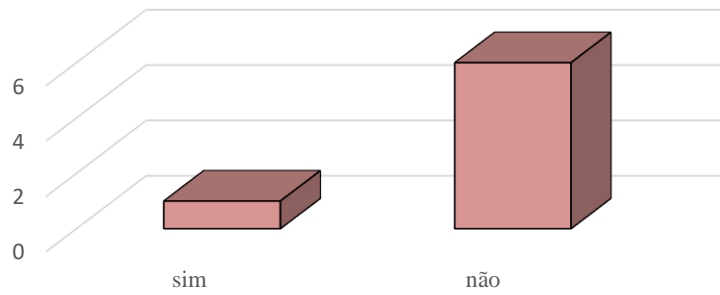
### Você já acredita que os sapos, rãs e pererecas podem ser venenosos?



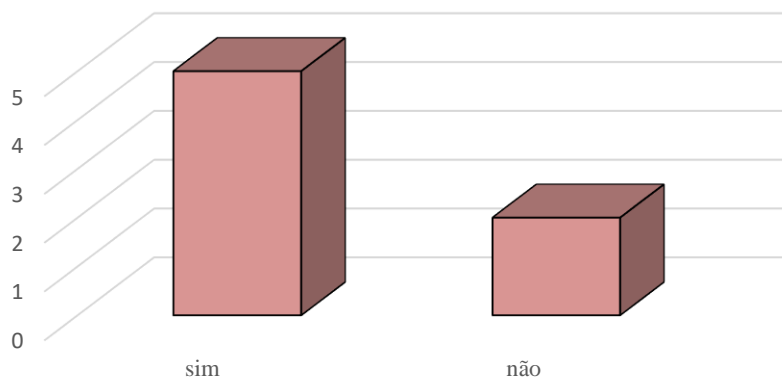
### Você acredita que a urina dos sapos, rãs e pererecas podem levar a cegueira total?



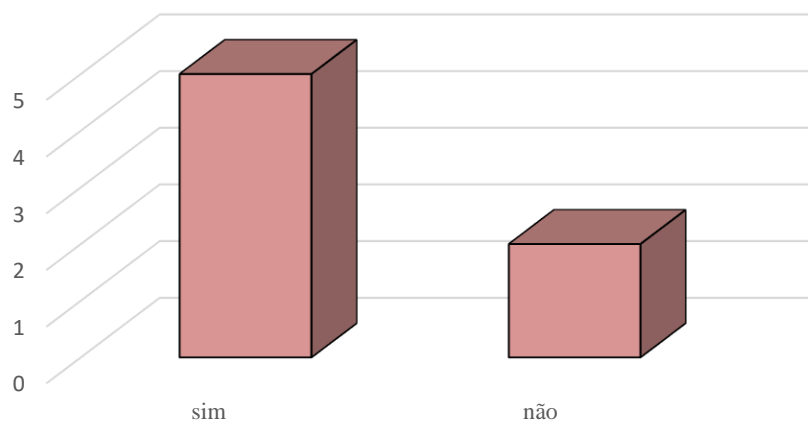
Você tem conhecimento de algum caso em sua comunidade, onde a pessoa ao ter contato com a urina dos sapos, rãs ou pererecas ficaram com hematomas, sejam eles, manchas, alergias entre outras?



Você acredita que os sapos, rãs e pererecas podem nos contaminar com diferentes tipos de doenças?

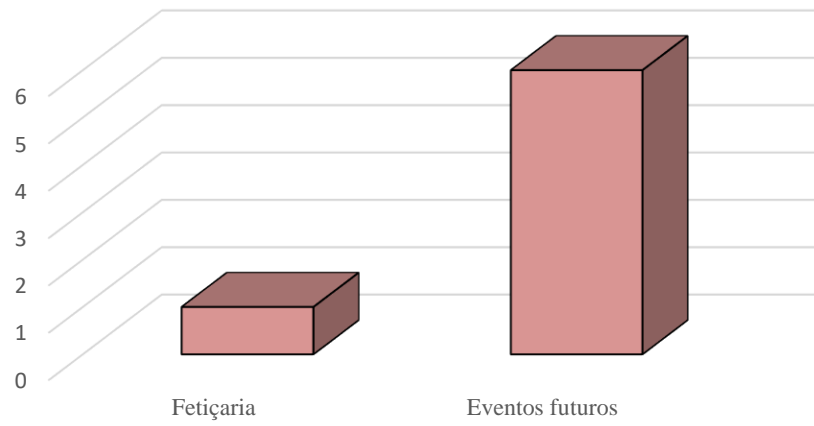


Você já presenciou essas doenças em algum morador da comunidade?

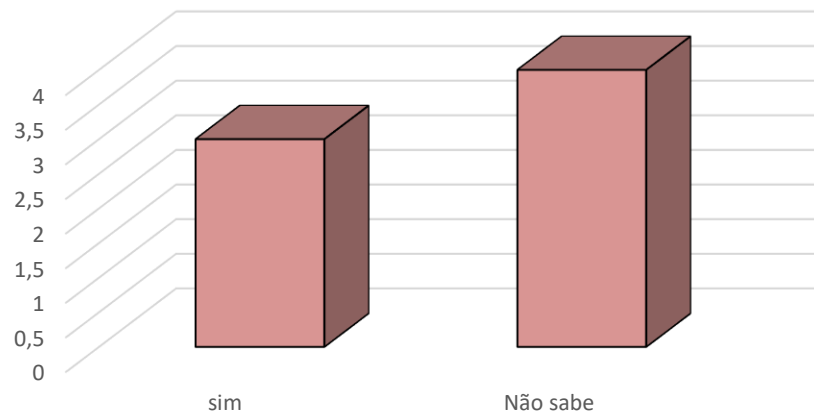




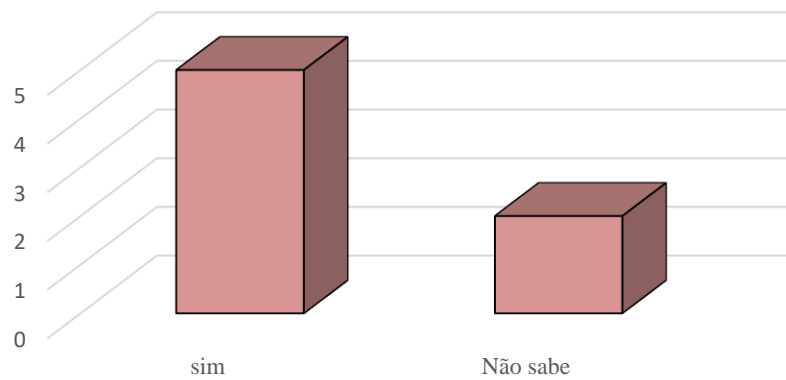
Em quais outros métodos esses animais podem estar sendo usados?

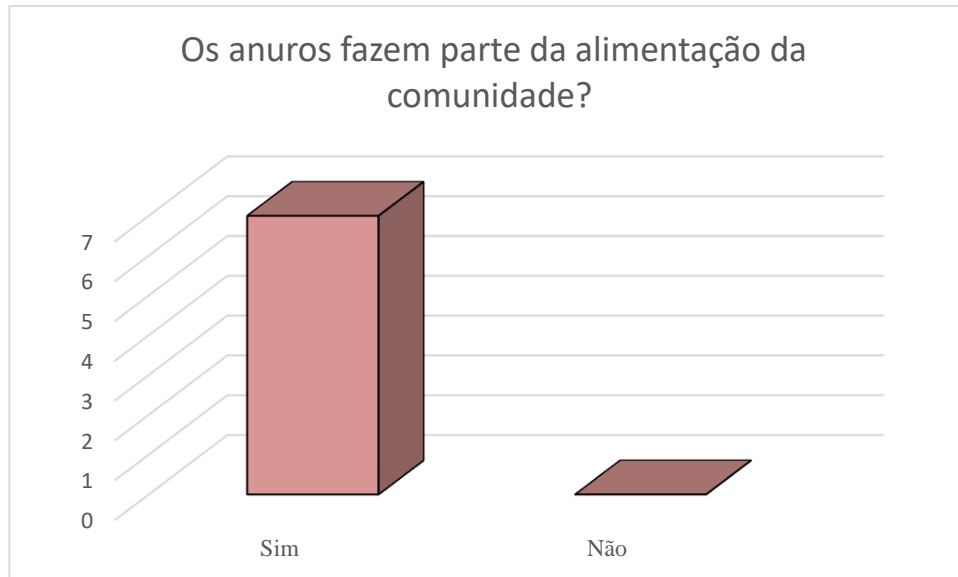


Nestes casos, já houve um tratamento destas doenças aqui em sua comunidade?



Você acredita que o cão ao morder ou molestar um sapo, rã ou perereca ele pode ir a óbito (morrer)?





#### 4. DISCUSSÃO

Os gráficos mostram diferentes respostas em relação aos saberes, mitos e usos de anuros pelas comunidades indígenas nas determinadas comunidades. A cultura e a religião influenciam diretamente os diversos modos pelos quais as comunidades humanas fazem uso da biodiversidade, inclusive faunística (Cohn, 1988; Anyinam, 1995; Berkes, 2001).

As espécies mais conhecidas pelos indígenas são os anuros.....conhecido popularmente como sapo Cururu e a rã..... conhecida popularmente por rã Juí, os quais, são as espécies que existem em maior quantidade nas comunidades.

A maioria dos residentes acreditam que os anuros são venenosos, especificamente a urina do sapo cururu a qual pode levar a cegueira total, pode causar coceiras ou até mesmo alergias. Acredita-se também, que os anuros podem ser os transmissores de doenças conhecidas por eles como por exemplo, o “cobrelo”, uma espécie de doença adquirida também através da urina do sapo ou pode ser transmitida pelo simples contato com o animal. O cobrelo forma-se pela junção de várias feridas ao redor da cintura, formando o que os indígenas chamam de “cinturão”, doença esta, que só pode ser curada através de “benzimentos” conhecido também por “reza”, o qual é realizado por três vezes consecutivas o suficiente para a cura da doença. O benzimento ou reza são feitos por pajés, benzedores ou pelos próprios moradores da comunidade que possuem esses conhecimentos passados de geração em geração, ou podem ser adquiridos durante os “sonhos” o que chamam de “dons” recebidos, segundo os moradores

indígenas. A realização do benzimento para a cura do cobreiro se dá da seguinte forma: o pajé usa uma tesoura e três tiras de papel cortadas de forma retangular, o ritual inicia-se com o pajé realizando o benzimento das tiras de papel, as quais ele vai cortando em quadradinhos de acordo com benzimento que ele realiza ao redor da pessoa, ao termino do benzimento as três tiras de papel encontram-se todas cortadas e espalhadas pelo chão, depois o benzimento é realizado por mais duas vezes. Doenças estas, que já foram presenciadas por um grande número de pessoas das comunidades pesquisadas. Por outro lado, as doenças espirituais são tratadas por iniciados, incluindo pajés, benzedores e rezadores. O processo de cura das doenças espirituais ocorre por meio de benzimentos e de orações realizadas por xamãs iniciados (pajés<sup>1</sup>), banhos e defumações com plantas e animais medicinais, além de eventuais restrições alimentares (Silva, 2007).

Um pequeno número de moradores relataram que os anuros podem prever eventos futuros são usados em um método conhecido por “feitiçaria”, onde o sapo é usado de forma cruel, isto é, o indivíduo escreve no papel o nome completo da pessoa que ele quer praticar o mal, em seguida coloca o papel na boca do sapo e costura-se a boca do anuro, o coloca em um determinado canto da casa para observação do feitiço, para se certificar se dará certo. Conforme o sapo vai definhando ao passar dos dias, o mesmo processo acontecerá com a pessoa que consta o nome escrito no papel, assim, ambos vão enfraquecendo até chegarem a óbito. Pode também usar o leite dos sapos na seguinte forma, passar essa secreção nas pegadas deixadas pela pessoa, um tempo depois os pés do indivíduo ficam feridos. Já a grande maioria de moradores dizem acreditar que os anuros podem prever eventos futuros como chuva, ou seja, quando um grupo de anuros coxam todos juntos em um final de tarde, o dia seguinte irá ser completamente chuvoso. Quando um sapo adentrar a casa e ir direto para o quarto e nos residentes haver mulheres, é sinal que logo elas engravidarão.

A pesquisa mostra também, que um cão ao morder um sapo, ele se contamina com a secreção que é eliminada pelo anuro através de sua pele, iniciando assim um processo de enfraquecimento, isto é, o cão começa a babar, seus movimentos vão ficando lentos, conforme o veneno age em seu organismo, aos poucos ele vai definhando até ir a óbito.

Os anuros também fazem parte da alimentação dos residentes indígenas, especificamente as rãs. Os moradores podem degustar das rãs nas seguintes formas de preparo: cozinhadas, fritas ou moqueadas. Primeiramente as rãs passam por um processo de fervura, ou seja, são mergulhadas em água fervente, depois tiram sua pele, assim evitando o

“pitiú”, o odor delas, após esse processo elas estão prontas para serem cozinhadas, as quais podem ser preparadas sozinhas ou juntamente com a “quinhampira” que na língua indígena do inhengatú significa peixe com pimenta. Pode-se também fritá-las e comê-las com acompanhamento da farinha de mandioca ou o bijú. Assim como podem também serem moquidas, isto é, enrola-se as rãs nas folhas da bananeira, assim formando um pacote chamado pelos indígenas de “pupeca”, o que faz lembrar um embrulho de pamonha, após esse processo, as pupecas são postas na grelha sobre fogo feito no chão onde permanecem por alguns dias em processo chamado defumação.

Já na parte de medicação, pode-se usar a banha de perereca no tratamento de doenças como o resfriado, gripe, pneumonia e na inflamação de garganta. Essa banha pode ser extraída da pele dos anuros através do processo de fritaço. Diversas substâncias da pele de anfíbios, principalmente dos anuros, tem sido usadas para o desenvolvimento de fármacos, como antibióticos, analgésicos, entre vários outros. (SEMLITSCH, 2003). Na mulher puérpera, usa-se o sapo para ajudar a voltar a forma, ou seja, com o sapo vivo, esfrega-se a barriga dele no abdômen da mulher, fazendo com seu abdômen fique desinchado, não ficando flácido e a pele volte a cor normal. Quando a pessoa está com o vermelhão, doença onde a pele fica vermelha e inchada devido a alguma alergia, usa-se o sapo vivo, preferencialmente a parte da barriga e esfrega-se em cima da região lesionada sempre de cima para baixo, ocorrendo assim a cura do local. Os animais medicinais atuam como coadjuvantes no tratamento de diversas enfermidades e, apesar do uso menos evidente em relação às plantas (Silva *et al.*, 2007)

## 5. CONCLUSAO

O indígena de uma maneira geral, respeita e sempre respeitou o meio ambiente, procurando tirar dele, somente o necessário; madeira, palha, cerâmica e pele de animais, foram mais que suficientes matérias-primas que a natureza lhes ofereceu e da qual eles tiraram partido para sua sobrevivência, além é claro de caça, da pesca e da agricultura.

Ao longo do tempo, o conhecimento dos indígenas sobre os anuros são passados de geração em geração, mas são poucos os registros destes. Dessa forma, este trabalho demonstra

o que os indígenas sabem sobre estes animais, quais os usos medicinal, alimentar e os mitos acerca deste grupo taxonômico.

A utilização desses conhecimentos sobre os anuros nas comunidades indígenas está ligada a aspectos culturais, constituindo-se de práticas religiosas e tradicionais antigas, uma das principais formas de utilização é a interação mística.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. & Lucena, R. F. **Métodos e técnicas para coleta de dados**. 2004. In: Albuquerque, U. P. & LUCENA, R. F. (Eds.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA/ Livro Rápido, p. 37-62.
- ALVES, R. R. N., Rosa, I. L. & Santana G. G. **The Role of Animal-derived Remedies as Complementary Medicine in Brazil**. *BioScience*. 57: 949-955, 2007.
- ALVES, R. R. N. & Pereira-Filho, G. A. **Commercialization and use of snakes in North and Northeastern Brazil: implications for conservation and management**. *Biodiversity and Conservation*. 16 (4): 969-985, 2007.
- ANYINAM, C. Ecology and ethnomedicine: **exploring links between current environmental crisis and indigenous medical practices**. *Social Science & Medicine* 40(3): 321-329. 1995.
- BARROS, F. B. 2005. Sapos e seres humanos: Uma relação de preconceitos? **Textos do Núcleo de Estudos Integrados Sobre Agricultura Familiar**, 9: 1-11.
- BASTOS, R. P.; MOTTA, J. A. O.; LIMA, L.P.; GUIMARÃES, L. D. **Anfíbios da Floresta Nacional de Silvânia**, *Estado de Goiás*. Goiânia, 2003.
- BERKES, F. **Religious traditions and Biodiversity**. Encyclopedia of Biodiversity, Academic Press. 2001.
- COHN, J. P. **Culture and Conservation**. *BioScience* 38: 450, 1988.

FEIO, R. N.; Braga, U. M. L.; Wiederhecker, H.; Santos, P. S. 1998. **Anfíbios do Parque Estadual do Rio Doce (Minas Gerais)**. Universidade Federal de Viçosa, Instituto Estadual de Florestas, Viçosa, Brasil, 32pp.

FROST, D. R. 2008. **Amphibian species of the world 5.2 – An on line reference**. Disponível em <<http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.php>>. Acesso em 31 de agosto de 2018.

GUIMARÃES, L. D. & BASTOS, R. P. “**Vocalizações e interações acústicas em *Hylaranceps* (Anura, Hylidae) durante a atividade reprodutiva**”. *Iheringia*, Porto Alegre, 2003, vol. 93, n. 2, pp. 149-158.

LEO NETO, N. A. **Uso e Comércio de animais para fins mágicos-religiosos nas cidades de Caruaru-PE e Campina Grande-PB**. Relatório de Pesquisa-PIBIC/CNPq/UEPB. Anais do XV Encontro de Iniciação Científica da UEPB - Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. 2008. CD-ROM.

LEWINSOHN, T. M.; Prado, P. I. 2004. **Biodiversidade brasileira: Síntese do estado atual do conhecimento**. Editora Contexto, São Paulo, Brasil, 176pp.

MEDEIROS, M. F. S. T. **A Caça de Subsistência na Reserva Extrativista Alto Juruá/AC: Caracterização, consumo e estratégias de caça**. Dissertação de Mestrado, PRODEMA. 2001.

PIANCA, C. C. **A caça e seus efeitos sobre a ocorrência de mamíferos de médio e grande porte em áreas protegidas na Mata Atlântica na Serra de Paranapiacaba**. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

ROCHA, M. S. P., Cavalcanti, P. C. M., Santos, R. L., Alves, R. R. N. **Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil**. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*. 6: 204-221, 2006.

TRINCA, C. T. & Ferrari, S. F. 2006. **Caça em assentamento rural na amazônia matogrossense**. In: Jacobi, P. & Ferreira, L. C. (org.). *Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil*. Indaiatuba: ANPPAS, Annablume, p. 155-167, 2006.

SEMLITSCH, R. D. 2003. **Amphibian Conservation**. Smithsonian Institution Press, xi + 324p. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10955/000600644.pdf>>. Acesso em: 06 de out. 2015.

SBH. “**Anfíbios brasileiros – lista de espécies**”. *Sociedade Brasileira de Herpetologia*, 2008. Disponível em: <<http://www.sbherpetologia.org.br>>. Acessado em: 20/10/2018.

SBH. 2008. **Brazilian amphibians – List of species**. Disponível em <<http://www.sbherpetologia.org.br>>. Acesso em: 03/ 11/ 2018.

SILVA, A. L.; TAMASHIRO, J. Y.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of the Riverine Populations from the Rio Negro, Amazonia (Brazil). **Journal of Ethnobiology**, v. 27, n. 1, p. 43-72, 2007.

**ANEXOS**  
**QUESTIONARIO DE ENTREVISTA SOBRE OS SABERES, MITOS E USOS DE**  
**ANUROS PELAS COMUNIDADES INDÍGNAS**

Nome (opcional):

Sexo:

Idade:

Comunidade:

- 1- Quais os tipos de sapos, rãs e pererecas que você conhece?
  
- 2- Quais são os sapos, rãs e pererecas existentes na sua comunidade?
  
- 3- Você já acredita que os sapos, rãs e pererecas podem ser venenosos?
  
- 4- Você acredita que a urina dos sapos, rãs e pererecas podem levar a cegueira total?
  
- 5- Você tem conhecimento de algum caso em sua comunidade, onde a pessoa ao ter contato com a urina dos sapos, rãs ou pererecas ficaram com hematomas, sejam eles, manchas, alergias entre outras?
  
- 6- Você acredita que os sapos, rãs e pererecas podem nos contaminar com diferentes tipos de doenças?
  
- 7- Você já presenciou essas doenças em algum morador da comunidade?
  
- 8- Em quais outros métodos esses animais podem estar sendo usados?



- 9- Nestes casos, já houve um tratamento destas doenças aqui em sua comunidade?
- 10- Você acredita que o cão ao morder ou molestar um sapo, rã ou perereca ele pode ir a óbito (morrer)?
- 11- Os anuros fazem parte da alimentação da comunidade?
- 12- De que forma é feito o preparo na alimentação?
- 13- Há conhecimentos do uso desses animais na forma de medicação?

COMUNIDADE SANTO ANTONIO









COMUNIDADE TAPAJOS











COMUDEDE AREAL



